

SOBRE *BELAS ADORMECIDAS* E FEMINISMO: ANÁLISE DE UMA NARRATIVA DE STEPHEN E OWEN KING

*Sabrina Schneider**
sabrineamalia@gmail.com
Universidade de Passo Fundo

*Fabiane Verardi***
fabianevb@upf.br
Universidade de Passo Fundo

Resumo: Ao considerar a literatura como um reflexo social, tem-se aqui o objetivo de buscar na História das mulheres e nos pressupostos feministas a temática dentro da narrativa ficcional *Belas Adormecidas* (2017), dos autores Stephen e Owen King. Pela teoria historiográfica, tem-se os estudos de Perrot (2005), pela dominação masculina nas palavras de Bourdieu (2012). Pelo viés feminista, os estudos de Pateman (1993), Hooks (2019), Tilly (2007), Oliveira (2013), Haraway (1991) e Arruzza (2015, 2017) foram utilizados. Pelo corpus, constatou-se a relação entre a história feminina e os conceitos feministas relacionados ao patriarcado e a verificação da neutralidade autoral sobre as ações do enredo que apontaram o que aqui se definiu como sexismo estrutural, base patriarcal ainda internalizada no imaginário social.

Palavras-chave: Teoria feminista. Stephen King. Teoria literária.

1 Introdução do ser feminino: Trajetória pela margem da história

Pela história da mulher, que não pode ser contada sem as primeiras movimentações do feminismo, permitimo-nos rever atitudes e demagogias dos séculos passados que acreditavam ver em nós, mulheres, a fraqueza e arbitrariedade de suas tomadas de decisões. Fala-se, hoje, em uma historiografia feminina que se edificou pelas pesquisas instrumentalizadas por documentos omitidos pelo patriarcado e, depois de muito tempo, puderam ser objetos de investigação histórica

* Doutoranda em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), da Universidade de Passo Fundo (UPF). Mestra em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade de Passo Fundo (UPF), no ano de 2021. Graduada do Curso de Letras - Licenciatura Plena em Língua Portuguesa e Inglesa e suas Respectivas Literaturas, pela Universidade de Passo Fundo, no ano de 2018.

** Possui graduação em Letras pela Universidade de Passo Fundo (1991), Mestrado em Letras (Teoria Literária) pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1999), Doutorado em Letras (Teoria Literária) pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2004) e Pós-Doutorado pela Universidade de Coimbra (2019). Atualmente é professora Titular III da Universidade de Passo Fundo, no curso de Letras, no Programa de Pós-Graduação em Letras e Coordenadora das Jornadas Literárias de Passo Fundo. Desenvolve projetos na linha de pesquisa de Leitura e Formação de Leitor, focalizando seus trabalhos na questão da leitura na escola, metodologias de ensino da literatura infantil e juvenil. É líder do Grupo de Pesquisa CNPq: Sobre Ensino de Literatura.

de um *corpus* ainda indefinido: o que observar na trajetória feminina? Uma única questão defrontada apresentou uma gama de linhas a serem seguidas, em que a omissão delas em eventos históricos pôde ser vista como fruto de um caminho a ser seguido. Depois de se inserir na ausência como pesquisa para uma história, chegou-se aos relatos, escritos e orais, encontrados e delicadamente expostos, em que houve a liberdade de escrita por diários, cartas. Porém que voz era essa após anos de repressão?

Ter uma História das Mulheres significa embarcar num ativismo que garantiu, pelo conhecimento, acesso a demandas políticas, sociais e econômicas, além de ressaltar, pelas últimas teóricas feministas, o enquadramento nos padrões impostos pela mídia – movidos pelas indústrias e pelas marcas que as patrocinam. Ainda, segundo Louise A. Tilly (1994, p. 23), “para alcançar seus objetivos tanto no domínio do conhecimento quanto no do político, a história das mulheres tem a necessidade de empregar os métodos de análise da história social, além de usar a descrição e o conceito de gênero”. Para ela, não há como definir uma história sem abraçar as primeiras vozes que possibilitaram essa busca por uma trajetória das mulheres; uma história que veja os problemas, analisando e explicando pelos fatos disponibilizados problemas que já se encontram inseridos em uma “agenda histórica” (Tilly, 1994, p. 24) e que clamam uma resolução.

Em termos de historiografia da mulher, Michelle Perrot é a historiadora que se destacou por iniciar, ao lado de muitas outras, uma trajetória pelos registros disponíveis sobre o lado feminino da humanidade. Ela mesma afirma, em *Os excluídos da história* (1988), o papel da Eva consagrada, relacionada a toda maldade e sedução existentes: “A mulher, origem do mal e da infelicidade, potência noturna, força das sombras, rainha da noite [...]” (Perrot, 1988, p. 165). Essa mulher ao qual Perrot (1988) se refere é encontrada em dois espaços de constatação: o público e o privado. Até o século XIX, não houve a ousadia de se propor um relato das mulheres na história, pois seu lugar era indiferente à sociedade, em que elas permaneciam, na maioria dos casos, donas de casa que representavam bem seus papéis e espaços que lhes foram permitidos, havendo, ainda, a identidade submissa presente no cotidiano das famílias.¹

¹ Os espaços em destaque vinculavam-se ao familiar, cabendo, assim, uma característica sombria nesse lado da história: a desconstituição da mulher pública como ser social.

Por meio de uma ruptura trabalhista, as mulheres iniciam, pouco a pouco, sua entrada no mercado de trabalho, mesmo, ainda, com as atividades domésticas. No entanto, no momento em que iniciam sua jornada de trabalho conquistando novos espaços, se deparam com atitudes sexistas e passam a ter seus corpos objetificados. Foi preciso uma ressignificação corporal e de postura que as protegesse das violências verbal e sexual.

Diante de tais identidades, percebemos com o sociólogo francês Pierre Bourdieu (2012), em seu estudo sobre *A dominação masculina*, nossa irrevogável inserção em uma sociedade regida por padrões inconscientes estruturados, historicamente, sob o viés masculino. As dicotomias apresentadas pelo autor sinalizam o quanto a sociedade se objetiva por seus opostos, apontando sempre para as especificações de cada um, como são consideradas em relação ao masculino e ao feminino: são de ordem natural e deveriam ser preservadas. A justificativa androcêntrica centrava-se na inferioridade feminina pela anatomia de seu corpo, percebendo-se algumas formas que identificavam o feminino, como a passividade, a interioridade e a sensibilidade.

Toda a subordinação feminina é explicada por Bourdieu (2012) não por fatores biológicos ou psicológicos, mas sim pela construção social que educa os meninos a serem dominadores e as meninas a serem submissas a esse poder historicamente edificado. Da mesma forma que apontou o problema, o autor salienta que a educação facilita essas desigualdades de gênero, as quais permitem os jogos de dominação masculinos.

O auge de tornar-se cidadã transforma as identidades femininas que, embora permaneçam donas de casa, não aceitam mais a submissão como regra geral. Elas passam a serem parte da regulamentação econômica e moral. Perrot (2009, p. 223) sintetiza qual papel a mulher passa a transmitir a todos: “Diante do velho Adão, rabugento na contemplação melancólica de sua decadência, e do aumento das multidões bestiais e femininas, é uma nova Eva que avança”.

2 O ser feminista: da teoria da igualdade à luta pela equidade

Nesse trabalho, tornou-se necessário definir o conceito de patriarcado dentro de um uso corriqueiro, precário e marginalizado que pode ter distintas compreensões. Desse modo, no livro *O Contrato Social*, Carole Pateman (1993) fala sobre a definição de patriarcado pelo olhar da ciência política diante da Teoria do Contrato. Nessa visão,

o ser feminino é pressuposto por sua natureza, biologia, que a faz ser naturalmente subordinada ao ser masculino. Ela ainda apresenta a noção de o termo “fraternidade” ser usado amplamente entre homens, pois isso não deixa de ser uma negligência diante de seus usos também equivocados quando colocados como um vínculo crucial para integrar sujeitos e sociedade, em que a fraternidade é utilizada como justificativa para se entender o patriarcado. A autora acaba caracterizando a fraternidade como forma de opressão que os homens exercem sobre as mulheres. O patriarcado se manifesta na ordem de poder maior dentro de um sistema que o utiliza como justifica para se manter nessa hierarquia e, embora se apresente pela ideia de ser mutável, é pela dominação sexual que encontra sua forma mais atroz dentro da cultura, fazendo dela seu conceito de poder.

Em *Ain't I a Woman? Black women and feminism*, bell hooks (1981)² traz o patriarcado reestruturado perante as necessidades do capitalismo, em que as versões clássicas sobre o direito paterno foram excluídas. Segundo hooks (1981), esse poder remetido ao patriarcado não é somente usado por homens brancos, não sendo esse um privilégio das classes altas e médias, pois todos os homens na sociedade emitem esse poderio, independentemente de classe ou raça. O modo como hooks insere a ideia de um patriarcado branco traduz a opressão e assédio vivido por muitas mulheres negras diante da subordinação dos seus corpos. De acordo com a autora, ainda há o elemento correspondente ao vínculo entre homens, a “fraternidade”, de homens brancos e homens negros aceitarem a violência como ferramenta de frisarem seu poder sobre as mulheres, o que acaba por unir esses dois grupos que se mantêm afastados quando o racismo toma forma.

O patriarcado, consoante Pateman (1989), permite a especificidade da sujeição das mulheres e distingui-las dos demais meios de dominação. Quando ignorado por completo, esse conceito faria com que as teorias individualistas e de classe desaparecessem como ferramenta de análise do problema da dominação sexual. O uso literal do conceito como governo absoluto pelos pais não é somente uma marca paterna, o que se caracterizaria como uma primeira “confusão patriarcal” (Pateman, 1993).

A interpretação patriarcal do “patriarcado” como direito paterno provocou [...] o ocultamento da origem da família [...] O fato de que os homens e mulheres fazem parte de um contrato de casamento [...] e de que são maridos e esposas antes de serem pais e mães é esquecido. O direito conjugal está,

² A autora citada apresenta-se dessa forma, em letras minúsculas.

assim, subsumido sob o direito paterno e as discussões sobre o patriarcado giram em torno do poder (familiar) das mães e dos pais, ocultando, portanto, a questão social mais ampla referente ao caráter das relações entre homens e mulheres e à abrangência do direito sexual masculino (Pateman, 1993, p. 49)

Outra “confusão patriarcal” firma-se pelo conceito ser universal e atemporal e, assim, excluindo a possibilidade da dominação masculina de assumir diferentes formas em diferentes contextos históricos e culturas. A dimensão do patriarcado compreende a ideia de pai/filho (paternidade) e homem/mulher (masculinidade), em que esse último seria um patriarcado moderno dissonante com o patriarcado tradicional daquele. Se encararmos esse conceito moderno, originalmente temos a história citada no item anterior que remete à criação de Eva: somente depois de Adão – e dele – ela foi feita, caracterizando sua subordinação àquele que lhe antecedeu.

Por ter criado raízes na cultura e no cotidiano de homens e mulheres, torna-se uma dificuldade excluir o conceito de patriarcado por completo da vida social. Consoante Pateman (1993, p. 167), “toda a sociedade civil é patriarcal. As mulheres estão submetidas aos homens tanto na esfera privada quanto na pública”. Uma afirmação que precisa ser alterada pelo bem de nossas mulheres e pelo futuro de nossas crianças, tanto os meninos quanto as meninas.

Segundo Bourdieu (2012), a permanência da dominação masculina se mantém mesmo que tenham ocorrido mudanças que afetaram a divisão do trabalho e as atividades produtivas. O trabalho aqui necessário, ainda de acordo com o autor, seria de “*des-historicização*” (Bourdieu, 2012, p. 100), que estaria ligado a uma “(re)criação continuada das estruturas objetivas e subjetivas da dominação masculina” para pontuar os aspectos negativos da história das mulheres e do porquê ter sido amplamente dominada tendo em vista o gênero. Ele aponta que há uma eterna estrutura de dominação, manipulada constantemente pelo Estado, pela Igreja, pela família e pela escola, os quais reproduzem o poder masculino e, quando há as transformações, fica visível que nessas esferas houve a mudança contrária à perpetuação das hierarquias de gênero.

O patriarcado pode ser entendido como uma relação de poder de base masculina. Embora sua noção tenha se adaptado com o passar dos anos, Pateman (1993) atenta que a única solução seria a superação diante da exploração-dominação. O gênero não é fixo, apresenta-se fluido e pode ser transformado e reconstruído,

mostrando por essa definição a intersubjetividade feminista, em que essa perspectiva almeja a mudança ante as desconstruções culturais.

Pela denominação “capitalismo indiferente”, a cientista política Cinzia Arruzza (2015) afirma que as relações de opressão e desigualdades surgiram de uma manipulação anterior do capitalismo ante o patriarcado, em que as relações de poder se operavam diretamente pelo conceito patriarcal de poderio. Por essa teoria, o capitalismo se fixa indiferente quanto às desigualdades entre homens e mulheres, podendo se dissolver quando as estruturas radicais familiares forem desmembradas e reestruturadas radicalmente. Por essa indiferença, o capitalismo se oportuniza das desigualdades para fortalecer sua base ideológica.

Conforme Arruzza (2015), o que algumas pessoas defendem é que as mulheres se beneficiariam desse capitalismo e, por isso, esse sistema não seria um problema na emancipação e liberdade das mulheres. Para a autora, não se deve ignorar que, pelos registros, o capitalismo estruturou historicamente desigualdades de gênero inegáveis. Apesar de serem sistemas autônomos, o capitalismo e o feminismo estão interligados historicamente. As leis capitalistas diante da acumulação primitiva distinguem-se ao sexo da força de trabalho e determinam a distribuição ante a hierarquia.

Retomando Pateman (2009), é possível perceber as dicotomias marido/mulher e trabalhador/dona de casa e como elas obscurecem ainda mais a estrutura patriarcal mesmo que dentro de uma ideia do Estado de Bem-Estar. Por essa prerrogativa, o espaço privado das mulheres leva ao questionamento de como contribuíram para a construção social. O fato é que sempre contribuíram dentro de suas casas em forma de uma assistência social, disfarçada como responsabilidade, obrigação.

Nessa gama de permissões concedidas ao bem-estar, as mulheres puderam decidir sobre seus corpos, em parte, pela distribuição de anticoncepcionais para não serem mais alvo da submissão dos homens, ou, na maioria dos casos, à escolha deles de não assumirem as crianças. Em um de seus livros sobre políticas feministas, bell hooks (2019) aborda a legalização do aborto não somente pelo direito, mas pela luta de políticas públicas que contemplem a saúde da mulher diante de suas escolhas sobre o corpo, pois um homem possui o direito à escolha de não assumir, mas as mulheres são submetidas a encarar a responsabilidade de seus atos por, no mínimo, nove meses, isso se não sucumbirem por uma medicina que se diz segura.

O direito das mulheres de escolher se querem ou não fazer aborto é apenas um aspecto da liberdade reprodutiva. Dependendo da idade de uma mulher e de sua circunstância de vida, o aspecto do direito reprodutivo que mais importa a ela vai mudar. Uma mulher sexualmente ativa, por volta de seus 20 ou 30 anos, que pensa que pílulas anticoncepcionais não são seguras, pode um dia encarar uma gravidez indesejada, então o direito de fazer um aborto legal, seguro e barato pode ser a questão reprodutiva mais relevante. Mas quando ela está na menopausa e os médicos a incentivam a fazer histerectomia, essa pode ser a questão mais relevante em direitos reprodutivos. [...] Perder terreno na questão do aborto legal, seguro e barato significa para as mulheres perder terreno em todas as questões reprodutivas (Hooks, 2019, p. 54-55).

Os aspectos do direito ao corpo fazem-se ainda frente de batalha, pois não se emanciparam por completo no respeito que essa política feminista exige, em que a liberdade de escolha se mantém negada. Hooks (2019) confirma as hipóteses levantadas sobre a ilusão de uma política ao direito reprodutivo ser logo permitida.

3 Sobre a sociedade adormecida: um sexismo estrutural

Rosiska Darcy de Oliveira (2013), ao tratar de um feminino emergente, retoma alguns pontos a respeito da dicotomia homem/mulher, em que fala de um princípio da separação e da diferença que mantém esse dualismo sexualizado. Esse se torna o paradigma de todos os paradigmas, que sempre estruturou o mundo por essa dicotomia sexual: “Constituem-se um mundo de homens e um mundo de mulheres, lado a lado mas incomunicáveis, e seus traços característicos tornam-se cada vez mais nítidos” (Oliveira, 2013, n. p.).

Consoante Simone de Beauvoir *apud* Oliveira (2013) apresenta a justificativa biológica para a segregação sexista, em que a forma natural da mulher molda e fixa seu destino. A biologia torna-se a forma hierárquica de estruturar a sociedade, deixando o feminino sempre relegado a traços de sua feminilidade natural. Acaba, então, tornando-se o lado obscuro da sociedade.

Em *Belas adormecidas* (2017), o mundo de antes e durante o sono das mulheres é apresentado aos leitores por muitas falas e pensamentos machistas dos personagens masculinos. Um guarda da prisão, Don Peters, pode ser considerado o estereótipo sexista proposto pelos autores. Ele acaba sendo demitido do presídio por assédio sexual, porém acredita que nada do que fez é errado:

Nenhum homem sensato, claro, o teria culpado. [...] Era tão errado se aproveitar um pouco de vez em quando? Pelo amor de Deus, antigamente,

se você não metesse a mão na bunda de uma garçonne, ela ficava decepcionada. Se você não assobiasse para uma mulher na rua, ela ficava se questionando para que tinha se dado ao trabalho de se arrumar. Elas se arrumavam para mexerem com eles, isso era fato. Quando foi que a espécie feminina mudou tanto? Não se podia mais nem elogiar uma mulher. E era isso que um tapinha na munda e um aperto nos peitos era, não era? Uma espécie de elogio. Tinha que ser bem burro para não ver isso. Se Don apertasse o traseiro de uma mulher, ele não fazia porque o traseiro era feio. Fazia porque era um traseiro de qualidade. Era uma brincadeira, só isso (King; King, 2017, p. 212).

O guarda sempre foi um problema na prisão e, com mais evidências, torna-se uma satisfação da diretora mandá-lo embora. Mesmo prevendo sua demissão, ele ainda se defende sobre o assunto:

A prisão era difícil para uma mulher com sexualidade saudável. Tinha mais vegetação rasteira do que em uma selva e nenhuma lança. As atrações eram inevitáveis. As necessidades não poderiam ser negadas. A garota Sorley, por exemplo. Podia ser totalmente inconsciente da parte dela, mas de alguma maneira, ela o queria. Enviou muitos sinais: um movimento de quadril na direção dele a caminho do refeitório; a ponta da língua passando pelos lábios [...]; um olharzinho safado de vem cá por cima do ombro. [...] Mas ele era humano; não podia ser culpado por sucumbir às vontades masculinas normais (King; King, 2017, p. 212, grifo nosso).

A justificativa da maioria está na biologia, nas vontades inatas do homem de ser quem ele nasceu para ser: naturalmente poderoso sobre o corpo feminino. Essa força passa a ser maior por haver esse instinto natural do homem, do qual ele não pode escapar, nem se defender; ele somente ataca.

Da mesma forma que Peters pensa, temos a conversa de três adolescentes que, antes de saberem da Aurora, comentam sobre a possibilidade de haver alguma coisa que fizesse as mulheres dormir imediatamente para que pudessem transar com elas. A resposta de um deles é afirmar a existência do “Boa noite, Cinderela,” droga usada na manipulação de bebidas para dopar mulheres e, geralmente, estuprá-las. Mais adiante, na história, temos um desses garotos mortos por uma das mulheres que ele tentou atacar sexualmente; ela, em estado sonâmbulo, mata-o ferozmente. A visão limitada pelo sexismo estrutural é tão marcante no mundo de antes, que uma mulher, enquanto assiste ao telejornal e reconhece a repórter que cuidava quando criança como uma linda mulher, afirma que ela conseguiria seduzir qualquer pessoa, pois “até políticos de grande porte podiam ficar hipnotizados por um vislumbre de coxa” (King; King, 2017, p. 66).

Outro personagem apresentado é Frank Geary, um pai preocupado com sua filha, porém agressivo e com problemas de raiva. Sua ex-esposa pede o divórcio em

razão da forma como ele reage às coisas, sem saber se controlar em momento algum, assustando inclusive a filha ao dar socos na mesa e deixar uma parede com um buraco. Um abusador psicológico que não enxerga o modo como trata aqueles a quem ama. Seu pensamento sobre homens e mulheres é percebido quando fala da filha também:

Nana gostava de se sentar perto dele na cadeira de balanço e fazer o dever de casa. Quando estava inclinada sobre os livros com o cabelo escondendo o rosto, ela parecia para Frank uma garotinha do século XIX, da época em que essas coisas entre homem e mulher eram bem mais simples. Naquela época, se você dissesse para uma mulher o que ia fazer, ela concordava ou ficava de boca calada. Ele se lembrou de uma coisa que seu pai tinha dito para sua mãe quando ela protestou pela compra de um cortador de grama novo: Você cuida da casa. Eu ganho dinheiro e pago as contas. Se você tiver algum problema com isso, pode falar (King; King, 2017, p. 273).

São os desejos de ter controle sobre as mulheres e mantê-las em silêncio. Ao comparar a filha, fica exposta sua intenção de que ela fosse uma menina do século XIX, sem direitos, somente com deveres. Quando os casos da Aurora chegam até Dooling, os traços da masculinidade tóxica começam a ser lidos durante a narrativa. À xerife do condado, Lila Norcross, houve as insinuações de ser uma mulher naquele posto, o que não foi previsto como algo bom para um lugar do interior. Nos noticiários, o leitor fica sabendo da situação do mundo: ataques à Casa Branca, a supermercados, tudo provocado pela população masculina. Para todos, ficava a pergunta: por que eles estavam se rebelando? Ao surgir uma notícia falsa sobre a contaminação dos casulos, houve a criação das Brigadas do Maçarico, homens que passaram a queimar os casulos das mulheres para não proliferar ainda mais a doença do sono. A noção de que aquele seria um mundo de homens até todos terem morrido se tornou uma preocupação, pois, sem mulheres, não haveria mais nascimentos.

Em uma reunião de bar em Dooling, os homens começam a discutir sobre os motivos que teriam feito o fenômeno ocorrer:

As mulheres voaram alto demais [...] Querem saber o quanto o sexo frágil mudou? Olhem cem anos para trás! Elas não podiam votar! As saias iam até os tornozelos! Elas não tinham controle de natalidade e, se fizessem aborto, iam para um beco qualquer para fazer, e se fossem pegadas, iam presas por assassinatos! Agora, elas podem fazer em qualquer hora e lugar que queiram! Graças à porra do Planejamento Familiar, o aborto é mais fácil do que comprar um balde de frango frito KFC e custa a mesma coisa! Elas podem concorrer à presidência! [...] Podem se casar com lésbicas! Se isso não é terrorístico, eu não sei o que é (King; King, 2017, p. 346).

Pela vestimenta e pela religiosidade, o mesmo homem proclama para todos ouvirem enquanto bebem:

Elas podem se vestir como homens, essa é a maior prova! Cem anos atrás, uma mulher não usaria calça nem morta, a não ser que fosse amazona, e agora elas podem usar em qualquer lugar! [...] você acha que um homem, um homem natural, não um daqueles travestis de Nova York, seria visto nas ruas de Dooling de vestido? Não! Eles seriam chamados de malucos! [...] Mas as mulheres, elas agora podem fazer das duas formas! Elas esqueceram o que a Bíblia diz, que uma mulher tem que seguir o marido em todas as coisas, costurar, cozinhar, ter filhos, não estar na rua em público usando calças apertadas! Se elas fossem iguais aos homens, talvez tivesse ficado tudo bem! (King; King, 2017, p. 347).

Conforme as palavras são proclamadas, cabeças e vozes concordam. É o velho discurso, já visto, sobre o lugar das mulheres na sociedade e na família. Sem voz para se posicionarem, elas permaneceram no esquecimento e, quando conquistaram seus direitos, ainda foram julgadas por aqueles que não acreditam na força do poder e das habilidades femininas. Em contrapartida, há um homem na multidão que exhibe o outro lado da Aurora, não percebido pelos homens:

[...] as mulheres realmente superaram os homens em certos aspectos, ao menos na sociedade ocidental, e admito que fizeram isso de formas mais importantes do que conquistando a liberdade de ir fazer compras no Walmart sem espartilho e com rolinhos no cabelo. Imaginem que essa, vamos chamar de peste, por falta de palavra melhor, imaginem que essa peste tivesse acontecido ao contrário e fossem os homens que adormecessem e não acordassem? [...] As mulheres poderiam recomeçar a raça humana, não poderiam? Claro que sim. Existem milhões de doações de esperma, bebês congelados em espera, armazenados em instituições por todo esse nosso grande país. Dezenas e dezenas de milhões por todo o mundo! O resultado seria bebês dos dois sexos! [...] as mulheres poderiam continuar a se reproduzir por gerações, possivelmente até a Aurora seguir seu curso (King; King, 2017, p. 348).

Quando apresentada uma justificativa biológica, novamente percebemos a apreensão dos homens quanto à ausência do sexo feminino, entretanto com o intuito de reproduzir a espécie – sem permissão de liberdade de escolha.

Ainda, um dos adolescentes e Don Peters resolvem fazer um jogo enquanto patrulham a cidade:

Era chamado Mulheres Zumbis. Don tinha o lado esquerdo da rua porque estava dirigindo; o de Eric era o direito. Eles ganhavam cinco pontos por mulheres velhas, dez por mulheres de meia-idade, quinze por crianças (não tinha mais quase nenhuma dessas no sábado, nenhuma naquele dia) e vinte por gostosas (King; King, 2017, p. 404)

Um jogo de objetificação da mulher, em que eles incluem até mesmo as crianças. Para eles, a forma de diversão é brincar com elas, e eles seguem com tais propostas ao decidirem incendiar uma moradora de rua. Após a tentativa de estupro citada anteriormente, tudo vira brincadeira. Por diversão, estupram. Por diversão, matam.

É nesse dualismo sexualizado que o mundo de antes é apresentado, com a definição masculina daquela sociedade, em que as críticas quanto à posição da diretora do presídio feminino e da xerife da cidade são construídas. Aquele vírus era uma “prova de que Deus estava com raiva do feminismo” (King; King, 2017, p. 309). O feminismo, assim, passa a ser motivo de fúria divina, sendo uma consequência natural as investidas do movimento em propor igualdade.

4 Sobre a comunidade delas: uma desconstrução patriarcal

A doença do sono começou no mesmo dia do aparecimento de Evie³ na cidade de Dooling. Muitas mulheres nem chegaram a acordar, pois encontravam-se dormindo quando a Aurora começou. Nas palavras de Oliveira (2013), a mulher sempre foi definida pelo discurso masculino, como também seu lugar de pertencimento, seu papel, sua imagem e sua identidade. Para elas redefinirem o conceito em si, encontrarem-se no mundo sem a influência dos posicionamentos masculinos já estruturados historicamente na sociedade, foi necessário o renascimento em outro espaço, aqui dado pelo acordar em um lugar semelhante à cidade anterior, porém toda destruída pelo tempo. Esse cenário pós-apocalíptico com o qual elas se deparam pode simbolizar o que ocorreu após a solidão masculina, o caos instaurado pelos homens quando sozinhos no mundo. Elas foram se adaptando:

As mulheres começaram a chamar de ‘lugar novo’ porque não era mais Dooling, ao menos não a Dooling que elas conheciam. Mais tarde, quando começaram a perceber que poderiam ficar ali por muito tempo, começaram a chamar de Nosso Lugar. O nome pegou (King; King, 2017, p. 407).

Ao criarem uma utopia, conforme outras mulheres iam chegando e relatando sobre o mundo de antes, elas perceberam que o tempo passava de forma diferente no Nosso lugar, o que possibilitaria a nova configuração de comunidade. Entre si, passaram a perceber o quanto eram capazes de inovar, sobreviver, percebendo o

³ Personagem que faz referência à Eva do Jardim do Éden.

valor de um poder adormecido. A construção da comunidade foi entre um consenso, em que cada uma foi útil ou compartilhou algum conhecimento para o bem de todas.

Um grupo de caça e coleta foi formado. [...] elas nunca chegaram perto de passar fome. Havia um grupo agricultor, um grupo construtor, um grupo de cuidados com a saúde e um grupo educador para dar aulas às crianças. [...] E havia as Reuniões. Elas aconteciam uma vez por semana, no começo, depois duas, e duravam uma ou duas horas. Apesar de acabarem sendo extremamente importantes para a saúde e o bem-estar das mulheres que moravam em Nosso Lugar, elas começaram a acontecer quase por acidente (King; King, 2017, p. 410).

O espaço que construíram soube manter todas em ordem, em harmonia. Elas aprenderam, de certa forma, a serem autossuficientes. No entanto, nas Reuniões, surgiam saudades dos pais, dos avôs, dos maridos, dos filhos⁴. Além das faltas referentes ao antigo mundo, elas começaram a se perguntar o que as teria levado ali e por qual motivo: “Foi magia? Foi um experimento científico que deu errado? Foi desejo de Deus? A continuação da existência delas era recompensa ou punição? Por que elas?” (King; King, 2017, p. 411). Sem respostas aparentes, o curso da vida no Nosso Lugar foi se dando calmamente, sem muitas transformações. Contudo, elas sentiam algo mudando dentro delas, a noção de submissão não era mais a mesma.

A ambição de muitas no mundo de antes pode ser satisfeita de alguma forma, fosse mais precária do que poderia ser. O desejo de uma das mulheres de antes de ter um restaurante se concretizou em um esquema de trocas de alimentos; antes, o marido, policial de Dooling, não permitia: “Eu sempre quis tentar ter um restaurante[...], mas Terry nunca quis que eu trabalhasse. Disse que deixaria ele preocupado, Terry nunca conseguiu entender como era chato ser uma peça de porcelana em um armário” (King; King, 2017, p. 417). E a vergonha tomava lugar para aquelas que sentiam estar indo contra os maridos, mesmo na ausência deles. Ainda assim, sentiram-se parte de um mundo onde eram “necessárias e floresciam” paulatinamente.

Ao considerar o movimento feminista como fator de cultura, Oliveira (2013, n. p.) prevê que “reconstruir o feminino é o destino do movimento da mulher”. Se encararmos o enredo de *Belas Adormecidas* (2017), percebemos o quanto elas se transformaram em suas melhores versões para suportar o Nosso Mundo. Da mesma

⁴ As meninas adormeceram junto com suas mães. No entanto, os meninos permaneceram acordados junto com os demais homens. Foram relatados casos de mães que, após dormirem, levavam seus filhos meninos para a pessoa mais próxima, com o intuito de não os machucar e para que fossem cuidados. Chamaram o fenômeno de Instinto Materno, ou Reflexo do Cuidador (King; King, 2017, p. 141).

forma que, para Oliveira (2013, n. p.), “a presença dos homens no mundo das mulheres trará uma possibilidade assimétrica de reconstrução do masculino”, algumas mulheres, no novo lugar onde acordaram, continuaram grávidas e os primeiros bebês que nascerem foram meninos. A ideia de poder educá-los sem a interferência masculina é bastante contemplativa de um futuro com base matriarcal, o que seduz muitas a acreditarem nessa utopia de não existir mais assédio, nem poderio patriarcal, nem sexismo.

A malignidade dos homens se confirma quando algumas mulheres começam a desaparecer e constata-se que foram queimadas no outro mundo dentro dos casulos:

E homens as queimaram. Ela tinha certeza. Era assim que a história delas terminava. Quando se morria lá, se morria ali também. Os homens as arrancaram do mundo, de dois mundos. Homens. Parecia não haver como fugir deles (King; King, 2017, p. 458).

A referência às fogueiras acesas nos tempos da Inquisição para aquelas consideradas bruxas deixa explícito o medo desse destino, do fogo as consumir novamente, mesmo que em um mundo diferente. Da mesma forma que as consideraram feiticeiras, bastava uma faísca para acabar com suas existências.

A consistência da comunidade se estabelece com o passar do tempo, em que todas elas possuem seu papel real para o convívio comum:

Temos duas médicas e algumas enfermeiras. Temos uma veterinária. Temos algumas professoras. [...] Temos uma carpinteira. Temos duas musicistas. Temos uma socióloga que já está escrevendo um livro sobre a nova sociedade. [...] Temos aquela professora de engenharia aposentada da universidade. Temos costureiras e jardineiras e cozinheiras aos montes. As moças do clube do livro estão organizando um grupo para que as mulheres possam conversar sobre as coisas de que sentem falta e afastar um pouco da tristeza e da dor. [...] Nós somos tudo de que precisamos. [...] Foi por isso que fomos escolhidas. Todas as habilidades básicas de que precisamos estão aqui (King; King, 2017, p. 405-406).

Elas eram autossuficientes. Com um pouco de cada uma, tinham como reconstruir do zero para sobreviver. E, aos poucos, aprender a viver. Porém, com toda a mudança construída, a possibilidade de voltar as deixa alertas, principalmente uma mãe apreensiva com o retorno para que sua filha não sofresse os acessos de raiva do pai. A filha de Frank Geary tinha a mãe para defendê-la, a qual estava preparada para manter sua pequena segura a qualquer custo. Para ela,

[a]quele mundo era muito melhor do que o antigo, comandado por homens. Ninguém gritava com ela ali e ninguém gritava com Nana. Ninguém as tratava como cidadãs de segunda classe. Aquele era um mundo em que uma garotinha podia voltar andando para casa sozinha, mesmo depois de escurecer, e se sentir segura. Um mundo em que o talento de uma garotinha podia crescer junto com os quadris e os seios. Ninguém o poderia [...] (King; King, 2017, p. 558).

Uma mãe preocupada, porém egoísta diante uma comunidade inteira que almejava reencontrar os filhos, os pais, os maridos. Ao decidir acabar com essa chance, ela resumiria o egoísmo dos homens. A possibilidade de retorno é uma esperança para aquelas que acreditam já ter sido transformadas. Por serem encobertas por casulos, transmutam-se no processo de ressignificar-se. Em nenhum momento, há alusão a borboletas, somente às mariposas. Elas não se libertam para serem suas melhores versões, mas sim para serem reflexos no antigo mundo daquilo que poderiam ser diferentes. A diferença não é garantia de algo bom.

A proposta de retorno ao mundo de antes vem pela emissária, Evie Black, com uma regra a ser seguida: se somente uma delas não concordar em voltar, todas ficam em Nosso Lugar. As mulheres acordariam nos lugares aonde haviam dormido. A escolha passa a ser de uma liberdade reprimida.

A decisão está totalmente nas mãos delas, que decidem fazer um júri. As opiniões são ouvidas. Em sua maioria, as mulheres querem retornar pelos filhos que ficaram; a maternidade fala mais alto. Apesar de o Nosso Lugar ser melhor que o antes, algumas afirmaram que ali não era o lugar delas: “É melhor aqui [...] Mas não é Nosso Lugar de verdade. É outro lugar. E quem sabe, talvez tudo que aparentemente aconteceu lá vá tornar aquele lugar melhor” (King; King, 2017, p. 693). Por sentir falta do pai, a filha de Frank Geary é o motivo de retorno de sua mãe. No entanto, ao apresentar uma justificativa com raízes sexistas, uma das adolescentes afirma querer se apaixonar: “Eu quero descobrir como é me apaixonar de verdade por um garoto [...]. Eu sei que o mundo é mais fácil para os homens, e isso é horrível, é injusto, mas quero uma oportunidade de ter uma *vida normal* como sempre esperei ter [...]” (King; King, 2017, p. 693, grifo nosso) A fala dela remete à normativa da família tradicional, o que nos leva ao sexismo estrutural em nossa sociedade. Mesmo no reconhecimento da diferença entre homens e mulheres, a estrutura patriarcal está internalizada. Eis a dúvida: é um desejo, de fato, da adolescente, ou uma imposição da sociedade que a faz pensar nisso quando defrontada? O que se constitui é um egoísmo que ela mesma afirma, mesmo sabendo da decisão

coletiva a ser tomada, em que a dela poderia ser contrária ao retorno e ser o bloqueio de vida àquelas que almejam ver seus filhos.

Algumas das justificativas acabavam por apresentar um pensamento a respeito da identidade masculina, mas que, ao final, reduziam-se ao retorno para o mundo. Uma mulher aponta a falta do marido, pois ele era um “ótimo sujeito”, que “fazia a parte dele”, a “incentivava”. Todas as palavras apontam para uma convivência com o masculino em que ele apenas faz o que deveria ser de praxe, sem a necessidade de pontuar essa presença como uma boa pessoa. Outra mulher fala de seu parceiro de música, que não é uma das melhores pessoas, porém eles tinham uma conexão sintonizada, sendo ele a letra, ela a música. A saudade de casa fala alto para a maioria, como citado anteriormente. No entanto, o que espanta é o posicionamento de uma delas, Carol: “Minhas experiências com homens foram cem por cento péssimas, mas eu não fui feita para começar de novo em um novo mundo. Talvez eu seja covarde por isso, mas não posso fingir” (King; King, 2017, p. 694). Essa isenção de responsabilidade e de vontade de reiniciar aponta ao feminino conivente, cansado e indisposto a mudar alguma coisa nessa possibilidade de transformar um novo conceito de sociedade.

Os pensamentos da xerife Lila nos apontam a influência que ela tinha perante as outras mulheres. Se ela fosse perspicaz em argumentos, faria com que todas ficassem e enxergassem a oportunidade. Mas uma das informações que nos é dada está na forma como ela vê essas mulheres agora: “Vocês [...] nunca vão ser o que foram, e o que eles esperam, porque parte de vocês vai sempre estar aqui, onde são *verdadeiramente livres*. Vocês vão carregar Nosso Lugar [...] de agora em diante e, por causa disso, sempre vão deixar eles confusos” (King; King, 2017, p. 695, grifo nosso). A expressão em destaque mostra o estar acorrentado no mundo de antes, em que essa liberdade permanece com elas internamente. O que fica é a dúvida de se elas serão livres no retorno ao mundo.

Ao considerar os pontos a respeito do movimento feminista para a análise do enredo de *Belas Adormecidas* (2017), partimos das informações dadas ao leitor sobre o que ocorre após a decisão das mulheres acerca da volta. Com a destruição de muitas estruturas e a morte de muitos pais e mães, o que marca o retorno são os espaços para cuidados das crianças órfãs, em que os homens investem financeiramente e muitas mulheres largam suas posições e cargos para ajudar os pequenos. A xerife Lila é uma dessas mulheres, o que se torna algo inesperado, já

que, em uma de suas considerações sobre ser xerife, ela relaciona o cargo com a maternidade, algo que deve ser feito com pulso firme e também com zelo sob todos os envolvidos nesse trabalho.

Essa forma de passar a cuidarem das crianças vincula-se ao papel social e aos primeiros trabalhos sociais que as mulheres realizavam no século XIX, em que o trato com os idosos, doentes e crianças tornou-se um dos marcos de entrada das mulheres no mercado de trabalho. Embora isso aparente um reinício, acaba sendo um retrocesso diante do todo conquistado, um passo dado para trás na reconstrução daquela sociedade que, na ausência delas, foi destruída pela ação inconsequente masculina. Em tempos de guerra, quem limpa os campos de batalha são elas, conforme Oliveira (2013) pontua. De certa forma, aceitar o retorno às sombras torna-se a resposta delas, que tinham a lembrança do Nosso Lugar dentro de si. Elas não se libertam, elas se aprisionam por seus instintos naturais. A biologia vence.

5 Considerações: das certezas feministas, palavras finais

Analisar sob uma perspectiva filosófica, por um movimento social, por uma história ocultada pode significar, além de se manter bibliográfica. Em *Belas Adormecidas* (2017), escrita por Stephen e Owen King, podemos perceber o quanto a influência de um movimento faz carga em cima da postura social, do comportamento atemporal necessário para compreender a narrativa. Quando proposta a investigação dessa história, de um mundo sem mulheres e de um somente delas, a provocação sob aspectos históricos e feministas considerava o enredo como uma ficção com elementos míticos e sobrenaturais que causaram tal doença, mas, para a análise final, não fariam diferença para a constituição da sociedade de antes e a formada por mulheres. O oposto se deu; principalmente, a personagem mítica que faz referência à Eva do Jardim do Éden mostra o quanto esse arquétipo ainda influencia no pensamento ocidental e quanto a personagem se mostra um símbolo de dor das mulheres submissas na história.

Além da influência distópica, o objetivo de investigar as nuances do feminino e das forças feministas dentro da obra pode ser contemplado e finalizado em algumas considerações a serem feitas sobre o enredo, pois, com uma chance de recomeço, as mulheres adormecidas decidem retornar ao mundo de antes. Ao consideramos o que

Oliveira (2013) sugere a respeito de um feminino em ascensão, somos direcionadas à compreensão da escolha desse retorno diante de uma de suas falas:

Pelas veredas da dúvida, da angústia, da divisão, voltamos hoje ao ponto de partida. Não para o arrependimento da ousadia e a penitência do erro. Não há caminho de volta para as mulheres, nós não o queremos nem a sociedade moderna propõe. Voltamos ao ponto de partida no sentido de que, exatamente porque fizemos a travessia do mundo dos homens, porque conhecemos suas normas e seus valores, estamos mais bem situadas para revalorizar nosso mundo, nossos valores, não para nos refugiarmos neles, mas para repensar sua contribuição para um novo desenho da convivência entre os sexos e, por extensão, para um novo perfil civilizatório (Oliveira, 2013, n. p.).

Para a autora, não basta, como queria a personagem Evie Black, apagar a equação homem/mulher ou um sexo sumir para o outro ascender; esse caminho de exclusão não é mais possível, haja vista todos os avanços condicionados pelo feminismo na sociedade. A escolha de voltar passa a ser o retorno ao todo que pode transformar. A escolha é justificada; os efeitos dela, não. Nessa ficção, elas voltaram para serem menos, para permitirem suas habilidades naturais de cuidado e preservação. Apesar de todos os direitos já conhecidos, não há o mínimo sinal de luta para isso. Mas há a internalização da liberdade sentida e vivenciada no nosso lugar. O sentimento está lá. Será que futuramente seria acordado como elas foram? Na melhor versão delas mesmas, tornaram a liberdade seus casulos.

Encarar as personagens pela escolha de um coletivo tornou-se necessário para entender o todo construído antes e depois de uma influência distópica. O modo como aprenderam a conviver e perceber suas capacidades vai ao encontro do que não foi permitido na história que as mulheres descobriram e viveram. Em Nosso lugar, elas puderam ter a chance de se verem em uma comunidade que estava disposta a lhes ouvir, a lhes dar espaço de atuação, não proibindo nenhum movimento que pudesse diminuir suas identidades. Elas puderam ser quem sentiam ser.

Sobre a autoria masculina desse livro, há certa preocupação dos autores em manter uma neutralidade sob o movimento. Uma das constatações está no arrependimento de um pai sexista e agressivo de se regenerar como bom cidadão pela filha. Uma convivência velada, mascarada pela reabilitação dos problemas de raiva e de seu comportamento. Percebe-se o fato do reconhecimento da luta dos direitos femininos, porém a concordância fica escondida na escolha do retorno com algumas justificativas de um sexismo estrutural. Até mesmo para os autores, o

patriarcado deixa marcas pela forma da escrita, pela ausência de posicionamento, pela carência afetiva do retorno das mulheres.

Ressaltar a importância da análise em tempos marginalizados pela ausência de sentido é válido pela forma que falar de políticas feministas são a cada dia mais urgentes. A luta das mulheres não as abraça somente, mas sim contempla um todo que quer ser regido pela harmonia, reconhecimento e igualdade de gênero para todos terem o lugar de fala tão referido nos discursos atuais. Ser feminista não impõe um apagamento da dicotomia sexual, demanda respeito e valorização da identidade de gênero em um mundo tão patriarcal que ainda deixa em dúvida as escolhas internas das pessoas. Ao não serem apresentadas as diferentes visões e lados da história, uma criança pode não saber o que são seus desejos internos reais e o que são ambições implantadas pelo sexismo estrutural. Por encontrarem-se tão internalizadas no imaginário coletivo, não basta reafirmar o feminismo; há necessidade de se educar o mundo pelo posicionamento feminista, palavra que assusta aqueles patriarcas enraizados que temem ser inferiorizados. A desconstrução sexista é um meio de atingir mais conquistas e direitos, ainda que não por um caminho fácil.

Por fim, honrar aquelas que vieram antes, por escritas e falas de mulheres, torna-se presença no cotidiano, pois a visão masculina não será de todo contemplativa da carga histórica e emocional que nós, mulheres, carregamos. Pelos olhos e ouvidos deles já se foi contado por muito tempo a nosso respeito, e a escrita de um livro, por mais ficcional que seja, não possui a totalidade necessária para ser encarada sua historicidade feminina, muito menos sua luta feminista. Pelas muitas esquecidas, por Eva e Lilith, construir um futuro em que meninas e meninos tenham a identidade e o lugar que almejem.

ABOUT *SLEEPING BEAUTIES* AND FEMINISM: ANALYSIS OF A NARRATIVE BY STEPHEN AND OWEN KING

Abstract: Considering literature as a social reflex, the objective here is to seek the theme in the history of women and feminist assumptions within the fictional narrative *Sleeping Beauties* (2017), by authors Stephen and Owen King. From the historiographic theory, there are studies by Perrot (2005), for male domination in the words of Bourdieu (2012). From a feminist perspective, the studies by Pateman (1993), Hooks (2019), Tilly (2007), Oliveira (2013), Haraway (1991) and Arruzza (2015, 2017) were used. Through the corpus, it was found the relationship between female history and feminist concepts related to patriarchy and the verification of authorial neutrality on the plot actions that pointed out what is defined here as structural sexism, a patriarchal basis still internalized in the social imaginary.

Keywords: Feminist theory. Stephen King. Literary theory.

Referências

ARRUZZA, C. Considerações sobre gênero: reabrindo o debate sobre patriarcado e/ou capitalismo. *Revista Outubro*, n. 23, 2015. Disponível em: <http://outubrorevista.com.br/wp-content/uploads/2015/06/2015_1_04_Cinzia-Arruza.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2020.

ARRUZZA, C. Funcionalista, determinista e reducionista: o feminismo da reprodução social e seus críticos. *Cadernos CEMARX*, Campinas, n. 10, 2017. Disponível em <<https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/cemarx/article/view/10920>>. Acesso em: 20 jun. 2020.

BOURDIEU, P. *A dominação masculina*. Tradução Maria Helena Kühner. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

HOOKS, B. *Ain't I a Woman? Black women and feminism*. United States, South end Press, 1981.

HOOKS, B. *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. Tradução Bhuvi Libânio. 8. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

KING, S; KING, O. *Belas adormecidas*. Tradução Regiane Winarski. Rio de Janeiro: Suma, 2017.

OLIVEIRA, Rosiska Darcy de. *O elogio da diferença: o feminino emergente*. Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2013. (Recurso eletrônico, formato ePub, n. p.).

PATEMAN, C. *O Contrato Sexual*. São Paulo: Paz e Terra, 1993.

PATEMAN, C. Soberania individual e propriedade na pessoa. *Revista Brasileira de Ciência Política*, n. 1, 2009. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/rbcp/article/view/1534>>. Acesso em: 27 jan. 2020.

PATEMAN, C. *The Disorder of Women*. California: Stanford University Press, 1989.

PERROT, M. *As mulheres ou os silêncios da história*. Tradução Viviane Ribeiro. São Paulo: Edusc, 2005. Disponível em: <https://www.academia.edu/33466946/As_mulheres_ou_os_sil%C3%A2ncios_da_hist%C3%B3ria_-_Michelle_Perrot.pdf>. Acesso em: 25 out. 2019.

PERROT, M. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. Tradução Denise Bottman. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. (Oficinas da história).

PERROT, M. Escrever uma história das mulheres: relato de uma experiência. *Cadernos Pagu*, n. 4, 2008. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1733>>. Acesso em: 19 jan. 2020.

TILLY, L. A. Gênero, história das mulheres e história social. *Cadernos Pagu*, n. 3, 2007. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1722>>. Acesso em: 11 dez. 2019.

Recebido em 22/03/2023

Aceito em 05/11/2023

Publicado em 09/11/2023